



## COMPORTAMENTO GERAL: O POSICIONAMENTO DE GONZAGUINHA FRENTE À DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Alison Menezes Freitas<sup>1</sup>  
José Antonio de Souza<sup>2</sup>  
Nathali Mateus Lima<sup>3</sup>

### RESUMO

A relação entre as variadas formas de manifestações artísticas e a sociedade há muito é objeto de estudos, sob variadas vertentes teóricas. Em nosso país, vários foram os escritores e pesquisadores que se dedicaram ao estudo das relações entre arte e sociedade brasileira. Recentemente, temos observado uma espécie de onda política que teve seu ápice no último dia 08/01/2023, com a invasão e depredação do Congresso, do Palácio do Planalto e do Palácio do Alvorada. Muitas pessoas, em variados momentos, pediram intervenção militar em nosso país e muitos fizeram apologia ao regime militar brasileiro. É importante lembrar que, durante tal regime de exceção, muitos artistas foram censurados, vários foram exilados e muitos se posicionaram frente ao regime instalado. Dessa forma, no presente artigo, apresentamos um recorte de nossa pesquisa que tratou da produção artística de Gonzaguinha como oposição ao regime militar brasileiro. A partir da análise da composição Comportamento Geral, pretendemos evidenciar o posicionamento político do compositor sobralense.

**Palavras-chave:** Gonzaguinha; Ditadura Militar Brasileira; MPB.

### ABSTRACT

The relationship between the varied manifestations artistic's forms and society has long been subject of studies, under various theoretical approaches. In our country, there were several writers and researchers who dedicated themselves to the study of the relationship between art and Brazilian society. Recently, we have observed a kind of political wave that had its apex on the last day 01/08/2023, with the invasion and depredation of Congress, the Planalto Palace and the Alvorada Palace. Many people, at various times, asked for military intervention in our country and many made apologies for the Brazilian military regime. It is important to remember that, during such an exceptional regime, many artists were censored, several were exiled and many took a stand against the installed regime. Thus, in this article, we present an excerpt from our research that dealt with Gonzaguinha's artistic production as an opposition to the Brazilian military

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professor da rede pública de Mato Grosso do Sul, em Paranaíba/MS.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>3</sup> Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aluna Regular do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).



regime. From the analysis of the composition *Comportamento Geral*, we intend to highlight the political position of the composer from Sobral.

**Keywords:** Gonzaguinha; Brazilian Military Dictatorship; MPB.

## INTRODUÇÃO

Considerando o espaço e tempo, entende-se que uma parte da arte sempre atuou no combate a governos autoritários e estados de exceção. Pablo Picasso com sua obra-prima “Guernica”, em combate ao fascismo europeu, expõe muito bem o papel da arte quando diz: “Não, não é uma pintura de bom gosto para decorar apartamentos. Ela é uma arma de ataque e defesa contra um inimigo terrível chamado fascismo”. Entende-se a arte como uma manifestação cultural, portanto ela pode ser utilizada de diversas formas, para entreter ou provocar, de modo que o autor de uma música ou qualquer outra manifestação artística saiba o que está fazendo; e Picasso sabia o que estava combatendo.

No Brasil não foi diferente. Uma grande parte de artistas assumiu a postura de combate à Ditadura: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Geraldo Vandré, Gonzaguinha, entre outros. Vale a pena ressaltar que, de acordo com Oliveira (2010, p. 163):

Especula-se que, em seus primórdios, poesia e música tenham sido irmãs siamesas. A união remontaria ao nascimento da própria fala humana. Fundidas, essas manifestações primevas teriam constituído uma linguagem das paixões, expressiva das experiências mais profundas da psique. Cantos tribais, lamentos coletivos, murmúrios rítmicos, verbalizações pré-linguísticas teriam constituído fonte comum do que um dia viriam a ser sistemas semióticos distintos.

O movimento Tropicalista ou Tropicália atuou nos anos de 1967 e 1968 contra os militares com canções que incomodavam a ala militar, pois as composições, de formas variadas, direta ou indiretamente, criticavam o *status quo*. No entanto, os militares perceberam o sucesso de tal movimento, Gil e Veloso foram presos e exilados. A “polícia política” atuava a todo vapor para reprimir as músicas contrárias as ideias dos donos do poder, toda manifestação artística era caso de polícia. Menezes (2008) traz argumentos que confirmam:



Os artistas, vistos como elementos nocivos à sociedade, eram alvos de constante vigilância, pois, a qualquer sinal de transgressão à ordem pré-estabelecida, precisavam ser silenciados. (MENEZES, L, M, 2008, p. 03)

A ditadura ou regime militar representou anos de escuridão na vida do povo brasileiro. Embora alguns ainda insistam em dar o nome de “regime militar”, é importante destacar que de regime esses anos não tiveram nada, pois foi, sem dúvida, um período autoritário e de poucas liberdades na vida do cidadão, em especial os mais humildes.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, carioca nascido em 1945, era filho de Luiz Gonzaga, nacionalmente conhecido como “Rei do baião”. Abandonado pelo pai ainda jovem, Gonzaguinha foi entregue aos seus padrinhos, pois Gonzaga não pôde criá-lo por conta de sua vida de cantor. Somente após os dezesseis anos, o filho voltou a morar com pai, mas os dois ainda mantinham uma relação conturbada.

Gonzaguinha começou sua carreira na década de 1960, cantando em festivais universitários, foi um dos fundadores do “Movimento Artístico Universitário”, juntamente com Ivan Lins e Aldir Blanc. Esse movimento foi a base do programa Som Livre Exportação, da TV Globo, em 1971, que reunia cantores da MPB.

Em 1973, em uma aparição no programa do Flávio Cavalcanti, apresentador polêmico que tinha costume de quebrar discos, Gonzaguinha cantou *Comportamento Geral*, teve seu disco difamado diante das câmeras e foi acusado de terrorismo pelos jurados; no dia seguinte recebeu uma carta de advertência da censura. Os censores da Ditadura, portanto, ditavam o que era a moral da sociedade, o que era lícito e ilícito, eram os “fiscais das ideias”.

Já na década de 1980, Gonzaguinha tinha reconhecimento nacional com a fama de uma personalidade ácida e mau humorada, mas que tinha a plena consciência de que a arte musical faz as pessoas pensarem, e que também é um veículo de denúncia; por isso, a sua produção abrangeu, de forma particular, críticas sobre a sociedade brasileira e suas posições frente a um regime de exceção.

A sua luta contra a ditadura foi cada vez mais ganhando força, suas composições, em certa medida, travam um debate crítico da situação do brasileiro



frente aos seus governantes, mas sempre entoando a resistência em seus versos. Duas canções específicas elucidam este debate e provavelmente serão utilizadas em nossas análises: *Comportamento Geral* (1973) e *Pequena memória para um tempo sem memória* (1974).

Gonzaguinha foi um grande opositor à Ditadura, atuou no campo artístico com o intuito de fazer as pessoas pensarem, mas não se limitava somente à ação política das palavras, em algumas canções entoava expressões fortes clamando por atitude da população pacífica brasileira. No final da canção *Pequena memória de um tempo sem memória*, ele faz um chamado aos seus ouvintes: “E vamos à luta”.

Com o fim da Ditadura, em 1985, Gonzaguinha continuou a cantar versos que “Explodia Corações”. Em 1991, 29 de abril, no Paraná, estava anunciado o fim da vida de Gonzaguinha, decorrente de um acidente automobilístico quando voltava de um show. A vida veio ao fim, mas para nossa sorte, as músicas políticas ficam, pois são estas produções que nos dão força para estarmos em pé e irmos à luta.

Em nosso artigo, objetivamos apresentar a análise de uma composição do artista sobralense, *Comportamento Geral*, e evidenciar como tal composição representa a resistência artística frente ao regime militar brasileiro. Para tanto, antes de empreendermos a análise, trataremos do regime militar; na sequência, apresentaremos uma relação de trabalhos acadêmicos sobre o artista e, finalmente, nossa análise da composição.

## 1. ACERCA DO REGIME MILITAR BRASILEIRO

A contextualização que levou os militares a pensarem em assumir o poder, em 1964, foi a falsa cortina criada por civis e pelos próprios militares: a ameaça dos “vermelhos”, os comunistas, rebeldes; eles eram o grande problema, iriam afundar o país, dizia parte dos civis e militares. Em meio a uma guerra entre Estados Unidos e União Soviética, conhecida como “Guerra Fria”, os militares viram uma grande chance de nosso país se tornar socialista, seguindo os rumos da URSS e estar, segundo os militares, no declínio e caminhando para o fracasso. Quanto a isso, percebam o que diz Schwarcz (2016, p.105): “No espírito



radicalizado da Guerra Fria, duas agendas políticas, à esquerda e à direita, disputavam para se transformar num projeto para o país”.

O que na verdade existia eram grupos que queriam um redirecionamento das políticas adotadas pelo João Goulart, por isso atuavam tanto no ativismo estudantil como nas ligas camponesas e partidos políticos, buscando estabelecer uma nova forma de governar, que atendesse mais aos interesses da população e não de uma pequena classe. Um dado interessante foi apresentado pelo Ibope, em 1964, que mais de 72% da população apoiava a reforma agrária<sup>4</sup>. De outro lado um grupo civil-militar que se organizava para embaraçar o governo Jango.

Em 1964, dia 31 de março, estava declarado o apoio majoritário à tomada do poder pelos militares e destituição de João Goulart do cargo de presidente da república. O primeiro militar a assumir a frente do maior país da América Latina foi o general Castelo Branco, por meio de uma eleição indireta feita pelo congresso nacional, em 11 de abril do mesmo ano. De acordo com Schwarcz (2016, p.106), “Dezenas de milhares de detenções, cassações, demissões e torturas foram registradas antes do final do ano. Começavam duas décadas de ditadura militar”.

A partir de 1964, começaram as restrições de direitos dos cidadãos e cerceamento de participação política direta. Nesse mesmo ano, o então presidente da república, Castelo Branco, emitiu uma emenda constitucional que firmava como lei o adiamento de seu mandato até março de 1967 e que as eleições só seriam realizadas em novembro de 1966.

Além dessa medida ditatorial exercida já nos primeiros anos do golpe, houve também a ordem de pôr fim a todos os partidos políticos existentes, deixando apenas dois partidos: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), cujo apoio era favorável aos militares; e também o partido de oposição, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Essas atitudes foram decorrência da derrota sofrida pelos militares nas eleições para governadores em nove Estados.

Para dar continuidade ao que eles chamavam de “Revolução de 64”, foi anunciado mais um Ato Institucional. Tal ato tinha como característica deixar que o Legislativo Estadual nomeasse os prefeitos das capitais e outras cidades do

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/ampla-maioria-pede-reforma-agraria#card-4>>. Acesso em Junho de 2020



Estado consideradas cidades de “segurança nacional”, como foi o caso de Três Lagoas/MS. Considerando esses acontecimentos, é possível perceber que houve, por meios legais e constitucionais, a repressão à população e cerceamento do voto popular, instaurando eleições indiretas via congresso nacional.

Assim como todo governo autoritário, era preciso que os militares mantivessem a impressão que o país estava vivendo em uma normalidade democrática, por isso a manutenção de dois partidos e eleições a portas fechadas, passando a impressão para a população que estariam seguindo o calendário eleitoral: “O estabelecimento da Arena e do MDB criou uma nova fórmula bipartidária que proporcionava uma aparência de normalidade constitucional, permitindo ao regime manter uma fachada de governo democrático” (GREEN, 2009, p. 98). De acordo com Caetano Veloso (1977, p.297):

Foi ainda em maio de 68 que Guilherme me mostrou a reportagem da revista Manchete sobre os estudantes em Paris, na qual ele tinha encontrado a fotografia em que se lia, pichada numa parede, a frase “É proibido proibir” (que Buñuel em suas memórias diz ter sido tomada pelos estudantes aos surrealistas), a seu ver excelente para ser transformada em música.

Após o AI-5, em dezembro de 1968, foi organizada ainda mais repressão aos opositores da ditadura. Com alguns eventos de radicalização isolados que aconteciam no período, os generais buscavam uma legitimação para que a repressão passasse a ter abrangência nacional, ou seja, que fosse “institucionalizada”. O que é importante destacar é que alguns desses acontecimentos foram praticados pelo próprio exército como, por exemplo, a violenta invasão na UNB, em agosto de 1968.

Foi, portanto, a consolidação da ditadura porque diferentemente dos outros Atos, o AI-5 não tinha previsão de término e tinha um requisito novo que suspendia os *habeas corpus*. Segundo Carlos Fico (2002), começa a implementação da “polícia política”, pois esta ficou responsável por todos os inquéritos em curso dois meses após a institucionalização do AI-5.

Na contramão do mundo, após o fim da ditadura no Brasil, nenhum militar foi punido ou preso pelas atrocidades cometidas por eles nesses 21 anos de repressão, diferentemente de nossos vizinhos que passaram pelas mesmas circunstâncias, mas que puniram os responsáveis. O número de mortos é incalculável, pois muitas vezes a certidão de óbito era emitida como os militares



queriam, como é o caso do jornalista Vladimir Herzog, brutalmente assassinado, mas dada a sua morte como um suposto suicídio.

Outra face da ditadura é a censura. No Brasil, especificamente, esse fenômeno ocorreu de forma diferente do que em outros países que viveram períodos totalitários. De acordo com o professor Carlos Fico (2002), a censura no Brasil nunca deixou de existir, pois em períodos diferentes, sempre existiu, a mando dos governantes, leis que barraram a liberdade de imprensa, por que eram vistas como simples ações de rotina policial, nas palavras do pesquisador: “Porém, como é sabido, a censura sempre esteve ativa no Brasil, e formas diferenciadas dela persistem mesmo hoje, quando está formalmente abolida” (FICO, 2002, p.253).

No entanto, após o AI-5, em dezembro 1968, houve a intensificação do cerceamento da liberdade de expressão, seja em relação à imprensa, nas manifestações literárias, ou pelas músicas da MPB. O movimento da MPB foi um dos que mais sofreu com a censura: diversos cantores foram exilados e tiveram suas músicas censuradas e retiradas de circulação.

Atualmente, é preciso estar atento à onda de aproximação entre os militares e o poder federal brasileiro. O número de militares no governo federal é maior do que em 1964; recentemente tivemos o vice-presidente, um General, no comando do país enquanto o presidente estava em um compromisso internacional. O atual chefe de Estado, que também é vinculado ao exército, declara abertamente apoio aos torturadores da ditadura. Em discursos, projetos o executivo tem adotado políticas de recapitulação do que foram os anos do governo militar.

Foram anos de uma contínua repressão, mortes, torturas. Período que deveria ter ficado na memória, mas que, infelizmente, parte do povo brasileiro não superou à vontade pelo totalitarismo e seus algozes. Portanto, nunca foi tão oportuno o estudo acerca do período de exceção que o país já vivenciou, para procurar reconhecer os erros passados com a intenção de não mais cometê-los.

“É preciso estar atento e forte”, gritava Caetano. Concordamos com ele.



## 2. TRABALHOS ACADÊMICOS RELACIONADOS SOBRE O CANTOR E COMPOSITOR GONZAGUINHA

Em uma pesquisa realizada na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com a descrição “Gonzaguinha”, encontramos um número reduzido de trabalhos desenvolvidos sobre o cantor. Dos cinco resultados, apenas três fazem menção ao cantor Gonzaguinha Júnior, enquanto os outros dois são da área da saúde. Entre os trabalhos que ajudarão efetivamente nossa pesquisa há duas dissertações e uma tese, defendidas em 2009, 2011 e 2019, respectivamente. Exploraremos os trabalhos para, então, buscarmos referências para desenvolver a pesquisa.

O primeiro trabalho encontrado na plataforma é uma dissertação, defendida em 2009, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras cujo título é “Cantando a insatisfação: os recursos linguísticos-expressivos na obra de Gonzaguinha”.

Nesta dissertação, Silva (2009) se deteve em estudar os recursos estilísticos nos textos musicais de Gonzaguinha. Primeiro foi destacado o viés social da música, em seguida Silva (2009) tratou do conceito de poesia para abordar com maior cuidado a questão do papel didático da canção, ou seja, como a canção se entrelaça com os demais campos sociais cotidiano.

Segundo a autora, a estilística, ciência do campo linguístico, permitiu verificar elementos linguísticos-expressivos nas canções de Gonzaguinha dando ao cantor a ciência de forjar conceitos linguísticos simples, que o aproxima do cidadão comum, trabalhador, também conservando uma proximidade com a parcela abastada da população brasileira. Para Silva (2009) Gonzaguinha tinha elementos discursivos muito bem planejados e utilizava desta qualidade para fazer denúncias, em suas músicas.

Um ponto interessante que é preciso destacar nessa dissertação é o conceito de *contracultura* desenvolvido por Antônio Gramsci e discutido, no Brasil, por Marilena Chauí. Para Chauí, segundo Silva (2009), o Estado é o produtor da “vontade geral”, isto é, aquele ator que deve fortalecer a unidade social dentro de um território, afastando as concepções contrárias ao que é tido como “hegemonico”, tanto no campo social, quanto nos planos econômico e político.





O trabalho citado buscou demonstrar ao leitor que a obra de Gonzaguinha foi, em certo momento, *contracultural*, porque se articulou contra a tirania do estado ditador brasileiro, cantando e entoando a força do povo brasileiro.

O segundo trabalho intitulado “As imagens discursivas do brasileiro nas canções de Gonzaguinha” é uma dissertação, defendida em 2011, junto ao programa de pós-graduação em linguística, da Universidade Federal do Ceará (UFC), departamento de Letras Vernáculas.

Nessa dissertação, Farias (2011) ocupou-se de analisar doze canções, a saber: “E vamos à luta”, “Dias de Santos e Silvas”, “Comportamento geral”, “Pois é, seu Zé”, “Se meu time fosse campeão”, “Artistas da vida”, “Bom dia”, “Tem dia que de noite é assim mesmo”, “Pacato cidadão”, “O preto que satisfaz”, “Estradas” e “João do amor divino”.

A partir das condições de produção do compositor Gonzaguinha, Farias (2011) se ocupou de ver como o discurso das canções busca se aproximar da coletividade brasileira, isto é, um discurso que eleva as reais condições do cidadão brasileiro frente ao período autoritário da ditadura militar. Considerando, portanto, a produção da Música popular brasileira e a ditadura militar, Farias (2011) demonstra que Gonzaguinha se dedicou, nas dozes canções anteriormente destacadas, a fazer um retrato do cidadão brasileiro, com o objetivo principal de não apenas demonstrar o cidadão comum, que era injustiçado pelas arbitrariedades do período escuro da nossa história, mas, sim, de produzir canções que eram um veículo ativo de denúncia.

O último trabalho encontrado é uma tese defendida em 2019, cujo título é “Parada obrigatória para pensar: engajamento e mercado nas canções de Gonzaguinha”, produzida na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), junto ao Programa de Pós-Graduação em letras.

Nessa tese, Moreira (2019) buscou demonstrar que a obra de Gonzaguinha se dividiu em dois momentos: durante a ditadura e após a reabertura democrática. Contudo, a autora verificou que, embora houvesse dois momentos na produção do compositor, ele se manteve fiel aos seus ideais; tal fidelidade rendeu ao filho de Gonzagão o apelido, dado pela mídia brasileira, de “cantor-ran-cor”. O objeto central dessa pesquisa foi verificar, portanto, os dois momentos de produção da obra de Gonzaguinha: durante os anos ditatoriais (1973-1979); e após a reabertura política (1980-1988).



A partir de autores como Theodor Adorno, Moreira (2019) discute conceitos importantes como indústria cultural, semiformação cultural e conteúdo de verdade. Ademais, a autora evidencia o “teor testemunhal” das canções de Gonzaguinha. Embora ele nunca tenha sido torturado diretamente, houve, em suas canções, argumenta Moreira (2019), um certo grau de solidariedade perante aqueles que “quão sumido foram”, isto é, os que sofreram represálias dos agentes da ditadura.

Dos três trabalhos anteriormente apresentados, verifica-se que o autor manteve, sim, expressões artísticas contrárias ao regime então instituído. É possível perceber, em certas partes, elementos biográficos e interpretações interessantes para se (re)pensar a produção de um artista tão leal à sua ideologia e traçar uma imagem de como era o enfrentamento de Gonzaguinha contra a ditadura.

### 3. UMA COMPOSIÇÃO, UM ESBOÇO

Como nos demonstrou Farias (2011), vimos o quanto as canções de Gonzaguinha revelam uma musicalidade bastante brasileira, entoando versos e rimas típico do povo humilde, trabalhador que, dentre tantas frustrações políticas, não perde a vontade de “viver e não ter vergonha de ser feliz” – fazendo jus a música “O que é? O que é?” (1982).

Considerando que Gonzaguinha tem uma grande produção musical e que lançou, em média, um disco de estúdio por ano, durante quinze anos, optamos por apresentar apenas uma das composições que analisamos, em nossa pesquisa, como uma forma de esboçar o posicionamento do autor e, dessa maneira, selecionamos a composição que segue:

#### **Comportamento geral (1973)**

Você deve notar que não tem mais tutu  
E dizer que não está preocupado  
Você deve lutar pela cepa da feira  
E dizer que está recompensado  
Você deve estampar sempre um ar de alegria  
E dizer: tudo tem melhorado  
Você deve rezar pelo bem do patrão  
E esquecer que está desempregado  
Você merece, você merece  
Tudo vai bem, tudo legal  
Cerveja, samba, e amanhã, seu Zé  
Se acabarem com teu Carnaval



Você merece, você merece  
Tudo vai bem, tudo legal  
Cerveja, samba, e amanhã, seu Zé  
Se acabarem com teu Carnaval  
Você deve aprender a baixar a cabeça  
E dizer sempre: "Muito obrigado"  
São palavras que ainda te deixam dizer  
Por ser homem bem disciplinado  
Deve, pois, só fazer pelo bem da Nação  
Tudo aquilo que for ordenado  
Pra ganhar um Fuscão no juízo final  
E diploma de bem comportado  
Você...

A canção *Comportamento Geral* foi logo censurada pelos agentes da ditadura, em 1972. Além disso, Gonzaguinha teve que prestar depoimento na Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Os “fiscais das ideias”, como aponta Fico, apreenderam as cópias da canção e proibiram a reprodução em todo território nacional, logo após Gonzaguinha ter feito sua primeira aparição pública no programa do Flavio Cavalcanti.

O cantor começa tratando de um sujeito apresentado como “você” quando, entende-se, que o locutor faz menção a todos os brasileiros que, sob a atuação repressora do Estado, acreditam estar dentro da normalidade.

O sujeito enunciado por Gonzaguinha não tem dinheiro, luta pelos restos da feira, mas se mantém alegre e sobretudo satisfeito com sua miséria. Acredita-se que com essa canção, naquele período histórico, Gonzaguinha elucida ironicamente a atitude de benevolência da sociedade brasileira. Outro ponto bastante interessante é a ação motivada pelo enunciador ao sujeito da canção para que não se preocupe tanto com a situação vivida, mas, sim, que agradeça e mantenha a fé e otimismo. Com isso, percebe-se que o enunciador se empenha em demonstrar como o cidadão comum se porta diante de tal regime e não se indigna. Era a política do *panem et circenses* ainda vivíssima, porque não se deixa o cidadão simples, trabalhador, ter a dimensão exata do problema que o atinge, mas cultiva-o para ser pacato.

Diante dessas situações de injustiças expostas na canção, o autor busca despertar indignação no sujeito enunciado, mas que se vê a par da realidade, pois se mantém em situação de agradecimento diante seus algozes.

No trecho “Se acabarem com o teu carnaval”, o enunciador traz à tona uma questão que também foi alvo dos ditadores: o carnaval. A maior festa popular brasileira atualmente não precisa apresentar nenhum documento para que



tenha uma aprovação prévia de algum órgão estatal. Mas nem sempre foi assim. Eram toques sutis na edição das canções que tocariam nos blocos como, por exemplo, a troca da palavra “revolução” por “evolução”, quando o Império Ser-rano ousou desfilar com o enredo “Heróis da liberdade”. Com este trecho, com-preendeu-se que o enunciador faz uma denúncia contra os “obscuros persona-gens” que, utilizando-se do Estado, subtraíram da população o direito de ter o carnaval no país e ousaram ditar o que era bom ou ruim.

“Você merece, você merece”. Neste verso o enunciador parece apresen-tar o sujeito como causador dessas injustiças, pois não se indigna contra os di-tadores para a derrocada do sistema ora implantado.

Infelizmente mantemos o “diploma de bem comportado”. Não se compre-ende que a política não pode ser feita somente no voto depositado, mas também nas cobranças. E não há com o que se preocupar, pois a recompensa está aí: um fuscão e o reconhecimento de pessoa comportada. O injustiçado, diante seus opressores, na verdade agradece as desgraças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações artísticas são importantes trabalhos que muito revelam acerca da nossa e de todas as sociedades; ente tantas formas artísticas, talvez a mais democrática em solo brasileiro seja a música popular; não podemos nos esquecer a relevância do rádio, enquanto parte da indústria cultural e como a mídia radiofônica desempenhou relevante papel, à época dos anos 1960-1980; na verdade, ainda hoje as empresas de rádio desempenham relevante papel so-cial, particularmente nas cidades do interior brasileiro.

Embora a indústria radiofônica tenha perdido um pouco de espaço para a televisão e, posteriormente, para serviços de streaming, ainda hoje, nas cidades interioranas, esse meio de comunicação é importante para tratar das realidades locais, das políticas locais, mas também para difundir cultura.

Por intermédio de suas canções, direta ou indiretamente, Gonzaguinha critica a ditadura militar e os que a impuseram sobre as costas do cidadão bra-sileiro. O dito “cantor-rancor” foi, na verdade, um artista de posicionamento forte e revolucionário, que semeou a vontade de mudança.



Nesse sentido, assim como nos demonstrou Farias (2011), vimos o quanto as canções de Gonzaguinha tem uma musicalidade bastante brasileira, entoando versos e rimas típico do povo humilde, trabalhador que, dentre tantas frustrações políticas, não perde a vontade de “viver e não ter vergonha de ser feliz” – fazendo jus a música “O que é? O que é?” (1982).

Na composição elencada notamos uma posição de antítese do autor frente a ordem instalada, de tal forma, evidencia-se que o autor em *Comportamento Geral* critica a benevolência dos brasileiros.

Verificou-se a oposição contundente de um cantor da MPB que não aceitava as coisas como estavam e se empenhou em combatê-las através da música. Muitos outros artistas fizeram o mesmo, mas com o tom ácido e a voz de Gonzaguinha, iniciava-se uma forma particular de divergência.

## REFERÊNCIAS

FARIAS, Geania N. **As imagens discursivas do brasileiro nas canções de Gonzaguinha**. 2011. Dissertação. (Programa de pós-graduação em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FICO, Carlos. **“Prezada censura”**: cartas ao regime militar. Rio de Janeiro: Topoi, 2002. Acesso em 12 de março de 2019.

‘Guernica’, obra-prima de Pablo Picasso. **Revista Prosa Verso e Arte**. 6 de fevereiro, de 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/guernica-obra-prima-de-pablo-picasso/>. Acesso em 12 de março de 2019.

GREEN, James N. **Apesar de vocês**: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985 / James N. Green; tradução S. Duarte; São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENEZES, Leila Medeiros de. **COM A BARBA DO SEU TEMPO SOBRE SEUS OMBROS: GONZAGUINHA E A POLÍTICA DO SILÊNCIO**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2008. Acesso em 12 de março de 2019.

MIRANDA, Rodrigo. **Ativismo Artístico, a arte como protesto político**. Pós-graduação em jornalismo cultural – UERJ, Rio de Janeiro, Julho de 2013. Acesso em 11 de março de 2019.

MOREIRA, Daniela B. **PARADA OBRIGATÓRIA PARA PENSAR: ENGAJAMENTO E MERCADO NAS CANÇÕES DE GONZAGUINHA**. 2019. Tese. (Programa de pós-graduação em Letras) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.



OLIVEIRA, Solange Ribeiro. Literatura e/ou música, hoje: poesia sonora ou música concreta? In: NOVA, Vera Casa; ARBEX, Márcia e BARBOSA, Márcio Venício (Org.). **Interartes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHWARCZ, Lilia M. & STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2016.

SILVA, Aretuza P. S. V. **Cantando a insatisfação**: os recursos linguísticos-expressivos na obra de Gonzaguinha. 2009. Dissertação. (Centro de educação e humanidades) —Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2009.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.